

Aplicando as expressões de Pessoa *Nonregionalism e Indefiniteness of Soul* ao Cosmopolitismo Radical e à Racialidade Pluritópica

Bartholomew Ryan

The Portuguese Sensationists are original and interesting because, being strictly Portuguese, they are cosmopolitan and universal. [...] No people de-personalises so magnificently. That weakness is its great strength. That temperamental nonregionalism is its unused might. That indefiniteness of soul is what makes them definite. [...] They are born civilised, because they are born acceptors of all [...] they have a positive love of novelty and change. They have no stable elements [...]

PESSOA/CROSSE/CAMPOS (?), 1916

A nation which does not produce traitors can hardly be said to be civilized; a nation which produces too many cannot be said also to be. England is the example of a civilized nation, with such magnificent examples as the late Sir Roger Casement [...]

FERNANDO PESSOA, 1916-1918

Nesta comunicação procurarei aplicar as expressões de Pessoa *nonregionalism e indefiniteness of soul* à possibilidade e actividade contemporânea de um cosmopolitismo radical e daquilo a que chamarei uma «racialidade pluritópica». *Pluritopic* é um termo que tomei de empréstimo a Madina Tlostanova e Walter Mignolo, de que falarei mais tarde neste ensaio (TLOSTANOVA & MIGNOLO, 2010, p. 11). Estes termos em inglês, que se encontram no título da minha apresentação, foram escritos por Pessoa numa carta não publicada de 1916 (durante a globalmente destrutiva Primeira Guerra Mundial), no contexto da promoção da revista modernista *Orpheu* – uma carta que foi atribuída a dois heterónimos cosmopolitas: Álvaro de Campos e Thomas Crosse. Estes dois termos, juntamente com um parágrafo em particular, também escrito em inglês, a que me referirei mais tarde, como que resumem as estratégias de espionagem, a poesia heteronímica e as mitologias criativas literárias e (supra-)nacionais de Pessoa. Todos estes aspectos da produção literária de Pessoa penetram e põem em evidência o papel sempre mutável da linguagem humana, da (des-)localização, do exílio, das máscaras e da condição metafísica de «andar à deriva» para o *self* moderno, que na minha perspectiva preparam o caminho para o cosmopolitismo radical e a «racialidade pluritópica». Talvez esta perspectiva permaneça ainda apenas uma possibilidade, um gesto messiânico, mas parece-me uma perspectiva necessária e crucial, especialmente nestes tempos confusos, nihilistas, perturbados e adversos que vivemos.

1. Cosmopolitismo Radical?

As palavras do «Prefácio para uma Antologia de Poetas Sensacionistas» (publicado pela primeira vez em 1952¹²) convidam o leitor a pensar hoje de novo, positivamente, em Pessoa como um todo, e no gesto messiânico de um cosmopolitismo radical. O que é o cosmopolitismo radical e de que forma se aplica a Pessoa? Atentemos numa passagem deste prefácio:

The Portuguese Sensationists are original and interesting because, being strictly Portuguese, they are cosmopolitan and universal. [...] No people depersonalises so magnificently. That weakness is its great strength. That temperamental nonregionalism is its unused might. That indefiniteness of soul is what makes them definite [...] They are born civilised, because they are born acceptors of all [...] they have a positive love of novelty and change. They have no stable elements [...]¹³

Este não é um cosmopolitismo banal; o que gostaria de mostrar é que Pessoa resiste à imagem de um cosmopolita confortável, elitista, materialista e pseudoliberal dos tempos modernos. Continuando a desenvolver ideias que apresentei num artigo no ano passado sobre «caos e cosmopolitismo» (RYAN, 2016, pp. 51-83) e aproveitando a sugestão de Fernando Beza de «uma heterotopia cosmopolita periférica» (BELEZA, 2015, p. 3), gostaria de sugerir que Pessoa nos oferece o gesto de um cosmopolitismo radical que abrange um jogo de antinomias, uma «racialidade pluritópica», um *nonregionalism* e uma *indefiniteness of soul*. As antinomias são bastante evidentes na passagem citada: *weakness/ strength, strictly Portuguese/ cosmopolitan and universal* e *indefiniteness/ definite* – e todas elas abanam a razão do sono de uma convicção fictícia. O gesto messiânico no seu «*unused might*» do cosmopolitismo radical é complexo, variado, polilinguístico, itinerante, materialmente indiferente, paradoxal, enraivecido e divertido. Enquanto «*born acceptors of all*», que «*depersonalise[] so magnificently*», estes vulneráveis «cosmopolitas» que não têm «*stable elements*» contrapõem-se à histeria e paranóia rígidas e dogmáticas que tendem para o totalitarismo e a uniformidade experienciados nos anos 30 e que hoje também testemunhamos em movimentos populares sinistros, na aversão pelo estranho e no retorno à ignorância e ao nacionalismo exclusivo.

12 Publicado pela primeira vez no *Tricórnio*, uma antologia de textos inéditos organizada por José Augusto França, Lisboa.

13 Tradução de Tomás Kim: «Os sensacionistas portugueses são originais e interessantes porque, sendo estritamente portugueses, são cosmopolitas e universais ... Nenhum povo despersonaliza tão magnificamente. Essa fraqueza é a sua grande força. Esse não-regionalismo temperamental é o seu inusitado poder. É essa indefinidade de alma que o define. [...] Eles nascem civilizados porque nascem aceitadores de tudo. [...] gostam francamente de mudar e do que é novo. Não possuem elementos estáveis.» Tlostanova e Mignolo explicam que «the pluritopic approach does not accentuate relativism or cultural diversity. It stresses instead the social, political, and ontological dimensions of any theorising and any understanding, questioning the Western locus on enunciation masked as universal and out-of-concrete-space. It strives to (re)construct, more specifically, the difference in the loci of enunciation and the politics of knowing beyond cultural relativism» (TLOSTANOVA & MIGNOLO, 2010, p. 18).

A atitude do cosmopolitismo radical (a etimologia de radical é «chegar à raiz, ao essencial») é o compromisso do «Gosto de ti porque és diferente, e não porque és semelhante» e do «Aceito-te apesar de seres diferente», ainda que existam leis que ambos temos de respeitar. Assim, no seu poema mais ambicioso – a «Ode Marítima» – Campos afirma que: «A fraternidade afinal não é uma ideia revolucionária. / É uma coisa que a gente aprende pela vida fora, onde tem que tolerar tudo.» (PESSOA, 2002, p. 140). E a «Ode Marítima» é central para o cosmopolitismo de Pessoa (sobre o qual Fernando Beza escreve no ensaio já mencionado), porque o cosmopolitismo de Pessoa está sempre relacionado com o mar, e esta pluralidade Pessoaana do sujeito alastra para uma pluralidade da raça quando pensamos que a pluralidade se encontra nas águas do mundo – é esse o seu *topos*, a sua localização fluida. A verdade é que a «raça» é já um conceito pluralizante e hierárquico. E isso é parte do problema. Só existe uma «raça», que é a raça humana, mas a racialização dá origem a uma classificação social da raça que leva ao racismo. Impõe-se, então, a pergunta: como desfazer este processo de classificação mantendo o reconhecimento de diferenças culturais e bio-étnicas, por um lado, e as realidades de estruturas racializadas, por outro?

Escolhi o termo «racialidade» para designar a condição de se ser «de uma determinada raça», como resultado de um processo de classificação em grupos, com base em traços físicos, linhagem, genética e relações sociais; e «pluritópico» para combinar pluralidade com sítio ou tema [do grego *topos* (lugar)], ou seja, para designar um tema ou uma localização plural.¹⁴ A «racialidade pluritópica» designa, assim, a pluralidade da raça humana re-imaginada de acordo com os princípios do cosmopolitismo radical. Talvez tanto o sujeito como a raça sejam ficções, mas Pessoa – enquanto poeta, desempenhando por vezes a função de xamã – re-imagina tanto o sujeito como a questão da raça num cosmopolitismo radical. O cosmos neste mundo é, afinal, o oceano, no qual todas as raças imaginadas e re-imaginadas navegam. Não existe uma morte do sujeito, mas uma pluralidade; não existe uma morte da raça, mas uma pluralidade. Tolerar pode ser uma tarefa difícil, mas para o cosmopolita radical, como diz Campos, «Todas as caras são curiosas!» (PESSOA, 2002, p. 140) E continuando, num sentido mais fundamentalmente metafísico, Campos e o mestre de Pessoa, Alberto Caeiro – o guardador de rebanhos, que é o guardador de diferenças – declara: «tudo é diferente de nós, e por isso é que tudo existe» (PESSOA, 2014, p. 454).

14 Tlostanova e Mignolo explicam que «the pluritopic approach does not accentuate relativism or cultural diversity. It stresses instead the social, political, and ontological dimensions of any theorising and any understanding, questioning the Western locus on enunciation masked as universal and out-of-concrete-space. It strives to (re)construct, more specifically, the difference in the loci of enunciation and the politics of knowing beyond cultural relativism» (TLOSTANOVA & MIGNOLO, 2010, p. 18).

Muitas vezes, ao lermos Pessoa, à primeira vista parece ser ténue a linha que separa o cosmopolitismo do colonialismo. A diferença entre os dois talvez seja que ser cosmopolita significa permitir ao estranho ameaçador ao nosso lado florescer, brincar e viver com as nossas antipatias, permitir que essa quantidade desconhecida exista («a positive love of novelty and change»), aceitar o vizinho – tal como o «estrangeiro», o «órfão» e a «viúva» do Antigo Testamento Judaico¹⁵ –, e tornar-se parte da paisagem como humano, e não como humanista¹⁶; enquanto o colonizador, que tem como prioridade a família, os parentes e a nação, se distingue por criar hierarquias raciais, por explorar o outro e os seus recursos e por controlar e manipular a paisagem. A Primeira Guerra Mundial é um exemplo de uma guerra colonial e não de uma guerra cosmopolita – ainda que, na verdade, por definição não possa sequer existir algo como uma «guerra cosmopolita».

O cosmopolitismo radical é aquilo que floresce na tensão ambígua entre antinomias e antipatias. Quando penso em poetas cosmopolitas radicais de antinomias e pluralidade no século XX, Pessoa e Joyce aparecem em primeiro plano: são, ao mesmo tempo, extremamente locais e extremamente universais; frenéticos e ociosos; obstinadamente itinerantes, mas com a obsessão de regressar a «casa» (revelando assim as tensões íntimas entre a vida nómada e a viagem em direcção ao *nomos*); são altamente ambiciosos e sérios, mas também brincalhões; são completamente caóticos na sua obsessão pela ordem e pela perfeição (daí a visão de Joyce de um «chaosmos»); e na sua expressão de uma pluralidade do sujeito, abrem a possibilidade de uma «racialidade pluritópica»; são ainda polilinguísticos – sabendo perfeitamente que escrever em inglês é tanto um gesto cosmopolita como uma marca de colonização e servidão. Esta foi a grande luta de Joyce, especialmente quando escreveu a sua última obra-prima, *Finnegans Wake* – talvez o livro mais cosmopolita (e mais enraivecido) de toda a literatura, que celebra e incorpora antipatias e antinomias em todo o lado (incluindo no título): «Thus we cannot escape our likes and dislikes, exiles or ambushers, beggar and neighbour and – this is where the dimeshow advertisers advance the temporal relief plea – let us be tolerant of antipathies.» (JOYCE, 1992, p. 163)

É possível que Pessoa seja todas estas coisas e talvez até mais. Não há dúvida de que existem lacunas enormes e decisões a serem tomadas ao lermos a vasta e multifacetada obra de Pessoa, e – devido às suas declarações provocadoras e contraditórias – Pessoa pode ser implicitamente colocado entre o cosmopolitismo e o colonialismo. A caracterização particular de Pessoa do cosmopolitismo como algo não regional, indefinido e messiânico encontra-se muito longe da

15 A Bíblia: O Antigo Testamento: Êxodo 22: 21-22, 23: 9; Jeremias 7: 6; Ezequiel 22: 7; Zacarias Zechariah 7:10.

16 Veja também a definição de pagão de António Mora: «Um pagão não é humanista: é humano» (PESSOA, 2013, p. 81). O cosmopolita pode ter muito mais afinidade com o pagão do que com o cristão.

realidade presente do cidadão português comum – que, pelo menos de um ponto de vista cultural, em muitos casos permanece católico, nacionalista, subserviente e derrotado.¹⁷ Campos sabia-o muito bem ao escrever a sua invectiva contra tudo no seu ensaio futurista hilariante, *Ultimatum*, onde satiriza toda a cultura europeia e proclama que chegámos à época da desintegração niilista de Nietzsche. Portugal também não é poupado (lembre-se que este texto foi escrito em 1917, quando a Primeira Guerra Mundial já se arrastava há três anos): «E tu, Portugal-centavos, resto de Monarquia a apodrecer República, extrema-unção-enxovalho da Desgraça, colaboração artificial na guerra com vergonhas naturais em África!» (PESSOA, 2014, p. 406).¹⁸ O compromisso de Pessoa com a novidade e a mudança [«*novelty and change*»] e a posição messiânica da frase que estamos aqui a analisar também se encontram na sua visão daquilo a que chama «a literatura de antemanhã» (PESSOA, 2006, p. 890), na qual, de forma significativa para a minha argumentação nesta comunicação, inclui *Ulysses*, de Joyce, ecoando ainda as esperanças de Nietzsche no aparecimento de filósofos e artistas globais no futuro, no século XX e para além dele.¹⁹ A mudança e a novidade são dolorosas, e todas as épocas são frequentemente tratadas como apocalípticas, porque as nossas vidas aceleram-se para a morte e o nosso tempo é sempre escasso. Assim, todos os grandes poetas têm de ser, de uma forma ou de outra, fundamentalmente apocalípticos, não para nos fazer entrar em pânico, mas para nos acordar para a nossa existência temporal e multifacetada de infinitas diferenças e antinomias. Olhemos agora para o *nonregionalism* e a *indefiniteness of soul* de Pessoa, e vejamos de que forma se relacionam com o cosmopolitismo radical e a «racialidade pluritópica».

2. Temperamental Nonregionalism e Indefiniteness of Soul

Ao pensarmos no *temperamental nonregionalism*, testemunhamos aspectos das primeiras notas musicais da «Ode Marítima» – que é o sonho de uma vida no mar (cuja localização é todo o lado e lado nenhum), no cosmos enquanto oceano, de forma semelhante às visões de Ishmael, Ahab e o seu autor, Melville, em

17 O irmão de Ricardo Reis, Frederico Reis, escreveu um panfleto sobre Caeiro, Reis e Campos como apresentação da «escola de Lisboa», e afirmou que: «é o único centro português onde entrou um grau superior de cosmopolitismo» (PESSOA, 2014, p. 436).

18 A Alemanha, o suposto novo império para uma nova era, não é melhor tratada por Álvaro de Campos: «Tu, cultura alemã, Esparta podre com azeite de cristianismo e vinagre de nietzschização, colmeia de lata, transbordamento imperialóide de servilismo engatado!» (PESSOA, 2014, p. 406).

19 Podemos aqui pensar também em *Orpheu*, que tanto Pessoa como Bernardo Soares vêem como uma revista que fala para poucos e que está ainda à nossa frente como leitores: «a arte dos que escrevem em Orpheu sói ser para poucos. Ele disse-me que talvez fosse dos poucos» (PESSOA, 2012, p. 44).

Moby Dick. Campos procura de forma desesperada ser o humano universal²⁰, depois de ter nascido em Tavira com raízes judaicas, ter estudado engenharia naval na Escócia e ter viajado por todo o mundo, antes de se tornar ocioso em Lisboa até ao final da sua vida, escrevendo o mesmo poema volátil vezes sem fim. Campos é, tal como descreve perto do final da «Ode Marítima», como os «Patriotas transitórios duma mesma pátria incerta / [...] Com o cosmopolitismo perfeito e total de nunca pararem num ponto / E conterem todas as espécies de trajas, de caras, de raças!» (PESSOA, 2014, p. 103). Permanece inconstante, diverso, fragmentado, carregando as culturas católica, judaica e muçulmana dentro de si, e derramando poesia de forma obstinada na sua existência nómada e ociosa, para construir a sua educação cosmopolita – viver no mar, uma «vida flutuante, diversa, acaba por nos educar no humano» (PESSOA, 2002, p.140). Pessoa estabeleceu-se como o poeta quintessencial de Lisboa; o seu retrato, tal como o de Kafka em Praga, pode ser encontrado em copos, aventais e vitrines em toda a parte. Mas Pessoa passou a maior parte de sua infância em Durban, a colónia britânica do Natal na África do Sul, tendo crescido na literatura britânica e queria ser um poeta de língua inglesa, pois crescera na literatura britânica e os seus heróis literários não eram apenas António Vieira (que morava no Brasil) e Cesário Verde (autor do grande poema metropolitano «O sentimento dum occidental»), mas também Shakespeare, Milton, Shelley, Pater, Carlyle e Goethe.²¹ Kafka – «o poeta de Praga» – era um judeu que escrevia em alemão, que odiava a cidade de Praga e cujo nome entrou na linguagem humana universal como oblíquo, absurdo, inexplicavelmente, paradoxalmente preso à palavra «kafkiano». Joyce deixou a Irlanda quando tinha vinte e um anos e escreveu *Ulysses* e *Finnegans Wake* em cidades europeias continentais (Trieste-Zurique-Paris); hoje é visto igualmente como o artista mais cosmopolita da Irlanda, bem como o escritor de Dublin. Esta é a antinomia do *regionalism* e *nonregionalism* – do *nomos* e do nómada – no cosmopolita radical.²²

Este «não-regionalismo» (*nonregionalism*) da localização encoraja, física e mentalmente, uma «indefinidade da alma» (*indefiniteness of soul*). Faz por isso sentido que Pessoa tenha perseguido o seu próprio Fausto impossível ao longo de toda a sua vida adulta, a sua «Tragédia Subjectiva» para a língua portuguesa – esse conto clássico germânico da alma dividida que se tornou, juntamente com Dom Quixote e Hamlet, uma estória ou expressão universal do *self* moderno: um

20 Campos tenta apresentar o seu Eu próprio como um tipo universal antes de encontrar e descobrir Alberto Caeiro: «O meu próprio monóculo me faz / Pertencer a um tipo universal» (PESSOA, 2014, p. 64).

21 Pessoa escreveu que: «Shakespeare escreve como um anjo caído; Vieira como um homem divinizado, e de Milton se pode dizer a mesma coisa. Shakespeare escreve como um deus carnal» (PESSOA, 1966, p. 384).

22 Este tipo de cosmopolitismo é uma ofensa ao espartano homogêneo de Rousseau; também ao tipo burguês confortável que deseja manter os ciganos e os refugiados fora de vista e longe da mente; e ainda aos críticos conservadores como Georg Lukács e T.S. Eliot, que foram, um dia,, escritores revolucionários.

self dividido, em conflito, brincalhão e localizado no princípio da incerteza.²³ Neste *Zeitgeist* do modernismo, pelo menos na Europa, T. S. Eliot escreve, enquanto ainda mergulhado nas tensões das antinomias e do desespero, o grande poema cosmopolita da procrastinação – «The Love Song J. Alfred Prufrock» –, em 1916, o mesmo ano do «Prefácio para uma antologia de Poetas Sensacionistas». E Campos escreveria, para dar a si próprio algum alívio e talvez consolo, que todas as mentes fortes são indecisas (PESSOA, 2014, p. 460²⁴). Ao mesmo tempo, Joyce escreve que carrega o peso de uma «intensely doubtful soul» e «twinsome mind» (JOYCE, 1992, p. 188²⁵), e Pessoa multiplica e despedaça o Fausto de Goethe em milhares de peças, reflexões e estilhaços de vidro. Quando Pessoa diz, em inglês, que os portugueses Sensacionistas «depersonalise so magnificently» está, na verdade, a falar para si próprio e para o cosmopolita radical que nos espera.

Na «indefinidade da alma», Pessoa, como todos sabemos, é capaz de criar uma multiplicidade de poetas, ideias e vozes; e esta visão enraizou-se muito cedo, no início do século XX, ao longo das fronteiras da África do Sul, onde o império britânico se cruzou com a África indígena, bóeres africanos, cônsules portugueses e trabalhadores indianos. O cosmopolita radical é como um espião, usando uma máscara atrás da outra. De forma semelhante ao homem de acção revolucionário, Pessoa trabalha em espionagem e traições enquanto escritor, enganando, fingindo (*finge*), indo contra si mesmo, virando um heterónimo contra outro, divertindo-se com paradoxos e antinomias. A declaração messiânica de Pessoa é que os portugueses «are born civilised, because they are born acceptors of all». Assim, a sua admiração pelo império britânico deve-se ao facto de este ser civilizado por ser capaz de conter e produzir grandes traidores. Um ano depois do parágrafo a que me tenho vindo a referir, Pessoa escreve o seguinte – novamente em inglês, sendo esta a segunda passagem em que gostaria de me focar:

A nation which does not produce traitors can hardly be said to be civilized; a nation which produces too many cannot be said also to be. England is the example of a civilized nation, with such magnificent examples as the late Sir Roger Casement, Houston Stewart Chamberlain and Mr. Frank Harris. (PESSOA, 1993, p. 298)

23 Como o filósofo indiano Radakrishnan escreveu: «Certainty is the source of inertia in thought, while doubt makes for progress.» (RADHAKRISHNAN: 2009, 34)

24 Campos escreve em «Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro»: «Indeciso, como todos os fortes.»

25 «You were bred, fed, fostered and fattened [...] of this dastard century, you have become of twosome twiminds forenests gods, hidden and discovered, nay, condemned fool, anarch, egoarch, hiersiarch, you have reared your disunited kingdom on the vacuum of your own most intensely doubtful soul.»

Todos estes homens mencionados por Pessoa foram traidores do império britânico em diferentes graus e, pegando apenas num deles – Sir Roger Casement –, temos um homem que exemplifica o cosmopolitismo radical, que aspirava a uma racialidade pluritópica e a uma Irlanda plural nas suas cruzadas em nome das populações indígenas do Congo, da Amazónia e da Irlanda, um homem que tinha sempre outra pele ou *self* escondido, por detrás daquele que apresentava. A vida diplomática de Casement esteve ligada ao mundo lusófono, trabalhando em Lourenço Marques, Durban, Luanda, Rio de Janeiro, Santos e Belém do Pará, e ficando, entretanto, no Hotel Bragança, em Lisboa – um *topos* em que Saramago colocaria Ricardo Reis no seu grande romance, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Casement é um feixe de antinomias: um aventureiro que atravessou mares e viajou ao longo de rios na sua procura messiânica por verdade e justiça, fundindo a visão do *nomos* e da vida nómada; um sonhador que gostaria de ser um poeta, mas que ganhava a vida a escrever relatórios longos e entediantes para vários consulados; um homem que foi elevado a cavaleiro pelo império britânico mas que ao mesmo tempo se tornou um terrível revolucionário; um homem que se assumia ser do maior gabarito moral, mas que, na verdade, era um homossexual «depravado»; uma pessoa que se via como um orgulhoso «incorrigible Irishman» mas que acabou por ser enforcado como traidor britânico em 1916.

O peso das antinomias definiu alguns dos revolucionários internacionais mais famosos do século XX – os últimos exemplos incluem o Dr. Ernesto Che Guevara, um argentino errante, que foi do México para Cuba e para o Congo, para acabar por morrer isolado na Bolívia, como um cruzado internacional à deriva; ou o Dr. Frantz Fanon, um afro-caribenho, nascido em Martinica, que se tornou seguidor de Sartre em Paris, que ansiava ser aceite como argelino, que não falava árabe mas apoiou a FLN até ao fim, e que se manteve sempre aberto a novas ideias, tal como expõe na última linha do seu livro pioneiro, *Peau noires, masques blancs*, na prece: «*O mon corps, fais de moi toujours un homme qui interroge!*»²⁶

26 Campos escreve em «Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro»: «Indeciso, como todos os fortes.» «You were bred, fed, fostered and fattened [...] of this dastard century, you have become of twosome twiminds forenests gods, hidden and discovered, nay, condemned fool, anarch, egoarch, hiersiarch, you have reared your disunited kingdom on the vacuum of your own most intensely doubtful soul.» Frantz Fanon, *Peau noires, masques blancs*, 1952. Pergunto-me se quando o polímata brasileiro Gilberto Freyre escreveu no livro *The English in Brazil* que «Men of great intellectual value or professionalism were here on diplomatic and consular service, such as Lord Strangford, Burton and Casement» (FREYRE, 2001, p. 119) estaria ciente de que os três nomes que menciona foram antinomias, vivendo na tensão entre duas identidades, todas elas figuras de «Barry Lyndon» em diferentes graus, vivendo vidas duplas, e aprendendo desde cedo a viver com máscaras e eus plurais, e representando o sistema britânico. Pessoa, o poeta que exclama «Sê plural como o universo», revela-se nessa tensão, coisa que Freyre talvez já soubesse inconscientemente.

Conclusão

Naturalmente que, juntamente com os desempenhos de grandes personagens como Casement na carta inédita ou Napoleão, Kant e Cristo no poema «Tabacaria», encontram-se todos os ninguéns sem rosto que dão a Pessoa a sua poesia – os barbeiros, os vendedores de tabaco, os/as amantes desconhecidos/as e os heterónimos banais: todos juntos flutuam, com reflexos mutáveis, no oceano universal. Na formulação particularmente feliz de Richard Zenith, Pessoa deixou-nos «a cosmography not just of his multiplied self but of Western thought and philosophy as embodied by those various selves» (PESSOA, 2001, p. 37). É sempre importante lembrar que a vocação do poeta e do filósofo no desvelamento do *self* moderno é para abrir novos horizontes, para perturbar o leitor; e ainda que o poeta e o filósofo estejam sempre ligados a algum lugar – o sítio onde nasceram, viveram e morreram –, eles falam sempre para a diversidade do ser humano, problemático e lutador – que é toda a gente – enquanto ser diferente e divergente, caótico, questionador e impossível. Que possamos, enquanto humanos, aceitar por muito tempo esta complexidade do cosmopolitismo radical e da re-imaginada pluralidade da raça.

Referências bibliográficas

BELEZA, Fernando. «Orpheu Cosmopolita: Políticas Culturais e Heterotopia Sensacionista em “Ode Marítima”, de Álvaro de Campos». *Revista Estranhar Pessoa*, n.º 2, Caderno do Orpheu, 2015, pp. 30-56. www.estranharpessoa.com/revista

FANON, Frantz. *Black Skin, White Masks*, trad. Charles Lam Markmann, Londres: Pluto Press, 2008.

FREYRE, Gilberto. *The English in Brazil*, trad. Christopher J. Tribe, Lancaster: Boulevard Books, 2011.

JOYCE, James. *Finnegans Wake*. Londres: Penguin Books, 1992.

PESSOA, Fernando.

_____. Álvaro de Campos: Obra Completa, ed. Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello, Lisboa: Tinta-da-china, 2014.

_____. *O Regresso dos Deuses*, ed. Manuela Parreira da Silva, Lisboa: Assírio & Alvim, 2013.

_____. *Livro do Desassossego*, ed. Richard Zenith, 10.^a edição, Lisboa: Assírio & Alvim, 2012.

_____. *Escritos sobre Génio e Loucura*, ed. Jerónimo Pizarro. Edição Crítica de Fernando Pessoa, volume VII. Lisboa: IN-CM, 2006.

_____. *Álvaro de Campos — Poesia*, ed. Teresa Rita Lopes, Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.

_____. *The Selected Prose of Fernando Pessoa*, ed. e trad. Richard Zenith, Nova Iorque: Grove Press, 2001.

_____. *Pessoa Inédito*, coord. Teresa Rita Lopes, Lisboa: Livros Horizonte, 1993.

_____. *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, ed. Jacinto de Prado Coelho e Georg Rudolf Lind, Lisboa: Ática, 1966.

RADHAKRISHNAN, S. (editor). *The Principal Upanishads*. Nova Deli: Harper Collins, 2009.

RYAN, Bartholomew. «Orpheu e os Filhos de Nietzsche: Caos e Cosmopolitismo», in *Nietzsche e Pessoa. Ensaios*, ed. Bartholomew Ryan, Marta Faustino e Antonio Cardiello, Lisboa: Tinta-da-china, 2016.

TLOSTANOVA, Madina V. e Mignolo, D. Walter. «On Pluritopic Hermeneutics, Trans-modern Thinking, and Decolonial Philosophy». *Engaging Otherness*, ed. Rafael Reyes-Ruiz, Abu Dhabi: Zayed University Press, 2010, pp. 11-27.